

# Análise socioespacial da disseminação da Dengue na Região

## Imediata de Bragança Paulista

André Natal Soldi; Felipe Martins de Lima;

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Vânia Mendes do P. Ramos

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Pâmela Petrucci

Colégio FAAT – Av. Nove de Julho, 288 – Centro – Atibaia – SP



### Introdução

A dengue é uma doença complexa que exige uma abordagem integrada e multifacetada para seu controle e prevenção, considerando fatores como urbanização, condições de habitação, abastecimento de água e mudanças climáticas<sup>1</sup>. Assim, pretende-se analisar as condições socioespaciais que influenciam a disseminação da dengue e de seu vetor na Região Imediata de Bragança Paulista, considerando as dinâmicas sociais e epidemiológicas locais.

### Metodologia

Para a obtenção dos dados, foi disponibilizado um formulário *online* pelo *Google Forms*. Entrevistou-se moradores da região de Bragança Paulista. A faixa etária dos entrevistados é entre 15 e 50 anos. Os dados foram coletados no período de julho a outubro de 2024.

Ademais, para a compreensão das dinâmicas dentro do espaço, a seguinte fórmula foi aplicada:

$$PV_{(\%)} = \left( \frac{NCN}{NTH} \right) \cdot 100$$

PV → Prevalência de casos; NCN → Número de casos notificados; NTH → Número total de habitantes.

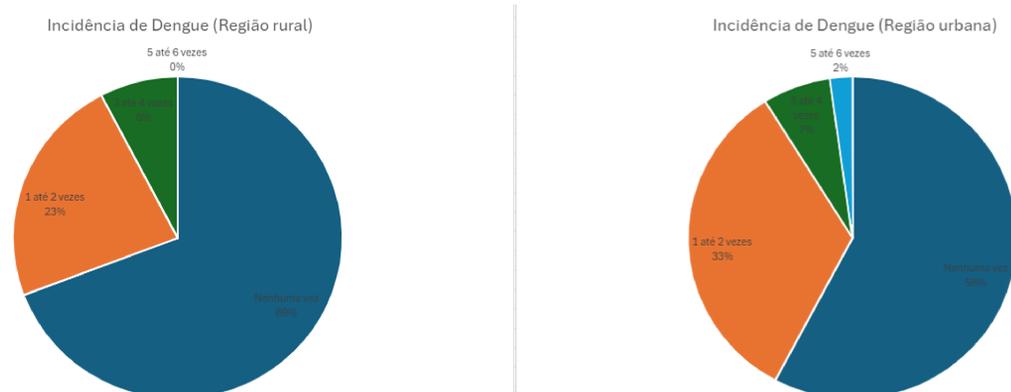
### Análises e Resultados

Seguindo a fórmula apresentada, foi estipulada a prevalência de casos de Dengue nos seguintes municípios:

- Atibaia: 4,57% (1 caso a cada 22 pessoas);
- Bragança Paulista: 0,77% (1 caso a cada 130 pessoas).

Além disso, foi visto que a maior prevalência de casos concentra-se em áreas urbanas, Fig. 1; dos habitantes de tais localidades, 30% afirmaram que, desde 2020, algum morador da sua residência contraiu a virose pelo menos uma vez.

Figura 1 – Gráficos sobre a incidência de Dengue em áreas rurais e urbanas



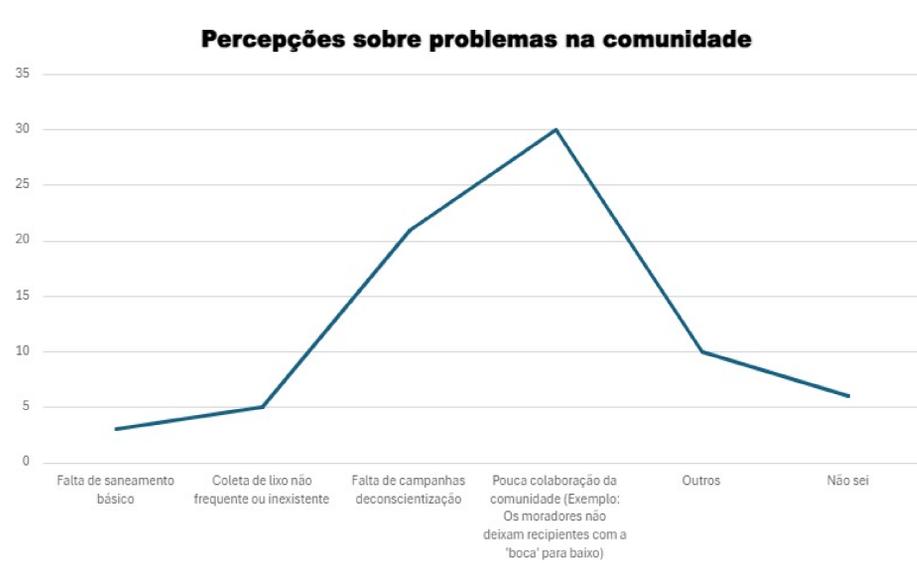
Fonte: Dados elaborados pela própria autoria

Observa-se uma tendência grande em opiniões médias e ruins sobre o planejamento de Saúde municipal e os rumos das prefeituras em momentos de epidemia, Fig. 2;

16,95% dos analisados afirmaram que não realizam nenhuma atividade particular para combater a Dengue;

61% afirmaram que notaram a falta de colaboração da comunidade, enquanto 42% observaram poucas campanhas.

Figura 2 – Gráfico sobre problemas na comunidade



Fonte: Dados elaborados pela própria autoria

### Considerações Finais

É de alta relevância que bases acadêmicas forneçam dados precisos, incluindo um acesso democratizado às informações de caráter de Saúde Pública, garantindo um espaço mais seguro<sup>1-5</sup>. Com base nas coletas realizadas, entendeu-se que a população urbana da Região Imediata de Bragança Paulista é a que mais sofre com tal virose, tornando aparente que a organização pode ter acompanhado um processo de urbanização rápido, como em outras cidades brasileiras de médio e pequeno portes a partir da década de 1960. Assim como, foi possível afirmar fortes tendências às pessoas realizarem algum tipo de atividade, mas ainda torna-se preocupante o número relativamente alto daqueles que não realizam nada. Por fim, percebe-se que, dentro da opinião pública, as prefeituras têm planejamentos que podem melhorar.

### Referências Bibliográficas

[1] NATAL, Delsio. Bioecologia do *Aedes aegypti*. *Biológico*, v. 64, n. 2, p. 205-207, 2002; [2] COSTA, Antonio Ismael Paulino da; NATAL, Delsio. Distribuição da dengue e determinantes socioeconômicos em localidade urbana do Sudeste do Brasil. *Revista de Saúde Pública*, v. 32, p. 232-236, 1998; [3] TAUIL, Pedro Luiz. Aspectos críticos do controle da dengue no Brasil. *OPINION*, [s. l.], 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/c98RZLMkn9MqygBmHTZTSFD/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 set. 2024; [4] TAUIL, Pedro Luiz. Urbanização e ecologia da dengue. *ARTICLE*, Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/9HrnLFHZFZSgRpYdxCC4bHd/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 set. 2024; [5] COELHO, G. E. Dengue: desafios atuais. *Epidemiologia e serviços de saúde: revista do Sistema Único de Saúde do Brasil*, v. 17, n. 3, 2008.